

Um certo vocabulário em cena: “novas palavras” da academia brasileira de letras

Vanise Medeiros*

Leatrice Barros**

Resumo

O presente artigo se debruça sobre o processo de dicionarização engendrado em “Novas palavras”, projeto da Academia Brasileira de Letras, que atua recortando neologismos de discursividades contemporâneas em circulação na web que irão adentrar o VOLP. O que singulariza tal gesto de captura consiste no fato de que ele traz categorias que não se fazem presentes no VOLP – outro instrumento da ABL –, além de incluir exemplos recortados de textos em circulação com suas respectivas referências. Tendo como base a História das Ideias Linguísticas de ancoragem materialista, analisamos o projeto “Novas Palavras” a partir das categorias de cada verbete, principalmente definição, exemplificação e referenciação. Pretendemos, ao nos debruçarmos sobre o processo de dicionarização engendrado em “Novas palavras”, contribuir para uma reflexão acerca da produção de saberes metalinguísticos na relação com sujeito e sociedade. A fim de ilustrar esse movimento de saberes, lançamos mão de três verbetes recortados da letra A do vocabulário, a saber, aporofobia, afrofuturismo e agrofloresta. O que a análise tem mostrado é um fazer dicionarístico que permite o acesso a discussões polêmicas que o circundam; põe, com efeito, em cena tensões da nossa formação social.

Palavras-chave: vocabulário; novas palavras; academia brasileira de letras; história das ideias linguísticas; análise de discurso materialista.

* Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora associada da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do CNPQ. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6998-9377>. Este estudo foi financiado pelo CNPq (Pq, 2022-2025) e pela FAPERJ (processo E-26/204.087/2024).

**Graduanda da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista de iniciação científica FAPERJ (Processo E-29/204.557/2022). Orcid: <http://orcid.org/0000-9023-9477>.

A certain vocabulary on focus: “new words” from the brazilian academy of letters

Abstract

This article focuses on the lexicographical process initiated in the “New Words” project by the Brazilian Academy of Letters, which selects neologisms from contemporary discourses circulating on the web that will enter the VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). The distinctive aspect of this capturing endeavour lies in the fact that it introduces categories not present in the VOLP — another instrument of the ABL — along with including clipped examples from circulating texts with their respective references. Grounded in the History of Linguistic Ideas with a materialist anchorage, we analyse the “New Words” project based on the categories of each entry, focusing primarily on definition, exemplification, and referencing. By delving into the lexicographical process engendered in “New Words,” we aim to contribute to a reflection on the production of metalinguistic knowledge in relation to subject and society. To illustrate this movement of knowledge, we examine three entries from the letter A of the vocabulary, namely, aporofobia, afrofuturismo, and agrofloresta. Our analysis reveals a lexicographic practice that facilitates access to controversial discussions surrounding it; it effectively brings to light the tensions of our social formation.

Keywords: vocabulary, “new words”; brazilian academy of letters; history of linguistic ideas; materialist discourse analysis.

Recebido em: 29/04/2024 / Aceito em: 08/10/2024

O fato de registrar uma forma de palavra advém de lhe dar um estatuto cultural, uma existência espaço temporal. (Collinot e Mazière, 1997, p. 54).

1 Palavras em estado de institucionalização

Eis-nos às voltas com a palavra, dizia Leal em seu artigo (Leal, 2015, p. 176). Eis-nos também às voltas com elas; com seus caminhos e descaminhos, com seus silêncios e silenciamentos, com suas potências de dizer, de instaurar redes de sentidos, de fazer falar o antes indizível e de fazer calar o antes dizível, de promover identificações, contra-identificações e desidentificações, de possibilitar caminhos outros e de impossibilitar caminhos outrora percorridos, de acenar para possibilidades de vidas distintas, de denunciar gestos que impedem vidas, de anunciar gestos que promovem cidadania, que integram... Eis-nos às voltas com palavras em estado de institucionalização. Eis-nos às voltas com um vocabulário da Academia Brasileira de Letras: o “Novas Palavras”.

É já longa a atuação da Academia Brasileira de Letras (ABL) na nossa sociedade. Desde sua fundação em 1897, ela se atribui o lugar de cultivo da língua cujo modelo seria a literatura, como podemos ler nesta plataforma da ABL na seção Língua portuguesa:

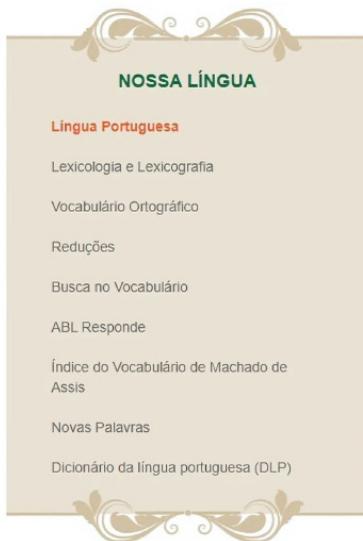
a ABL tem por fim a cultura da língua nacional. Isso significa que a língua deve ser cultivada na sua variedade padrão ou exemplar, tomando como modelo sua expressão literária. (ABL Responde, em Nossa Língua, disponível em www.academia.org.br).

Desde a fundação da Academia Brasileira de Letras, a instituição atribuiu-se como tarefa essencial o cultivo da língua e da literatura nacional. Nesse sentido, a Casa de Machado de Assis tem publicado a sua Revista, obras de Acadêmicos, e se empenha em preparar o dicionário da língua, depois de se ter ocupado da organização do Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Língua Portuguesa, em Nossa Língua, disponível em www.academia.org.br).

No que tange ao seu papel na produção de saber linguístico, a ABL é responsável pela institucionalização da ortografia da língua portuguesa ao registrar novos léxicos no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). É a inserção neste instrumento linguístico que oficializa uma palavra... em seu estado de escrita. Dito de outro maneira, o VOLP impõe juridicamente um certo modo de inscrição da palavra que passa necessariamente pela letra: a palavra aí se encontra registrada com certa grafia. O VOLP legisla, pois, sobre a escrita, sobre a letra, no gesto de recolha de palavras. Em poucas palavras, o VOLP é um lugar de regulação da língua pela letra. A partir de Orlandi (2001, p. 17), diremos que se trata de instrumento de jurisdição da língua, afinal o VOLP é fonte oficial para a ortografia da língua. Indo adiante, a língua das práticas de regulação jurídica não se faz sem a regulação pela letra e pelas palavras postas em cena pelo VOLP. Com a leitura de Zoppi-Fontana e Gonçalves (2021), podemos acrescentar que o VOLP atua nos instrumentos linguístico-jurídicos: (...) os instrumentos linguísticos-jurídicos são instrumentos de jurisdição da língua, esta entendida como processo de dizer o direito – jurisdição – da e sobre a língua, por meio das diferentes práticas de regulação jurídica. (Zoppi-Fontana e Gonçalves, 2001, p. 640)

No que concerne ao projeto “Novas Palavras”, este comparece inscrito na plataforma da Academia como parte integrante da seção “Nossa língua”, como se pode observar a seguir:

Imagem 1: “Nossa Língua”¹ na Academia Brasileira de Letras (2024)



Fonte: Plataforma da Academia Brasileira de Letras

“Nossa língua” é um sintagma que desde o século XIX comparece em diversos instrumentos linguísticos, como vocabulários, dicionários, entre outros, e ainda em artigos e debates sobre língua em solo brasileiro (Pfeiffer, Costa, Medeiros, 2022); um sintagma que nomeia a língua tensionando diferenças tanto externas, no caso entre Brasil e Portugal, quanto internas, no processo de construção, sempre ilusório, de uma língua nacional.

¹ Acesso à seção “nossa língua/ sobre novas palavras” realizada em 20 de abril de 2024. Tal indicação aparece na barra superior na página inicial da Academia.

Em “Nossa língua”, da plataforma da ABL, encontram-se *links* para as seguintes entradas: (i) “Língua portuguesa”, em que se encontra a citação no início deste nosso artigo; (ii) “Lexicologia e lexicografia”, em que se diferencia brevemente lexicografia de lexicologia; (iii) “Vocabulário Ortográfico”, em que se tem acesso ao VOLP; (iv) “Reduções”, em que se explica o que vem a ser reduções e se apresenta uma listagem de abreviações; (v) “Busca no Vocabulário”, em que se possibilita buscar palavras; (vi) “ABL responde”, em que se responde a “questionamentos e pronunciamentos teóricos e descritivos da análise gramatical”; (vii) “Índice do Vocabulário de Machado de Assis”, em que se abrem *links* para dar a saber do “vocabulário completo das obras em prosa e em poesia de Machado de Assis”; (viii) “Novas Palavras”, em que se encontra o projeto de que tratamos; e, por fim, (ix) “Dicionário da Língua portuguesa” (DLP).

Trata-se de uma plataforma que atua na constituição e instrumentalização da língua nacional na medida em que intervém, por exemplo, com a recolha de palavras a entrar no VOLP em seu modo de registro escrito na língua. Collinot e Mazière (1997) lembram que “(...) le dictionnaires est non seulement un prêt-à-bien-parler le mot mais aussi un prêt-à-bien-écrire le mot. Toutefois, rappelons que le bien parler se fonde sur le bien écrire” (1997, p. 90)²

Dicionários e gramáticas são, continuando com autor e autora, instrumentos da língua escrita que incidem sobre a fala. Instrumentos de um bem escrever que se dobram sobre um bem falar funcionando na ilusão de ordenar e conter a oralidade. É também nesta relação entre escrita e fala que se inscreve o

2 Os dicionários não estão apenas prontos para falar bem a palavra, mas também prontos para escrever bem a palavra. Porém, lembremos que falar bem se baseia em escrever bem. (tradução nossa)

VOLP: um artefato (Orlandi, 2001) de inserção de léxico que, em sua instância jurídica de legitimação do que nele adentra e como adentra, funciona de modo a controlar, ainda que ilusoriamente, a oralidade pela letra.

Em “Nossa língua”, a instrumentalização também se faz pelo dicionário lá presente, o DLP, pelo Vocabulário de Machado de Assis, autor fundador da ABL, que comparece norteando o princípio do bem dizer/bem escrever, ou seja, “a língua ser cultivada”³, e, ainda, diríamos, por comportar uma série de entradas que contribuem para o ensino de saberes metalinguísticos, como os links que respondem a questões, explicam as reduções, diferenciam conceitos, por exemplo. Com efeito, a plataforma da ABL incide sobre a institucionalização da língua que se nomeia como portuguesa.

Um trabalho pode, por exemplo, começar por questões. Este nosso começou por um objeto de estudo: o “Novas palavras” na plataforma da ABL. Muitas perguntas se fizeram diante dele: que novas palavras seriam essas? Que efeitos discursivos se inscrevem com as e nas palavras apreendidas? Para este artigo, que tem como base a História das Ideias Linguísticas de ancoragem materialista, temos alguns objetivos: promover uma reflexão sobre o projeto “Novas palavras”, expor um arquivo em montagem com o léxico já apreendido até o momento e lançar luz sobre o funcionamento do “Novas palavras”. Pretendemos, pois, ao nos debruçarmos sobre o processo de dicionarização engendrado em “Novas palavras”, contribuir para uma reflexão acerca da produção de saberes metalinguísticos na relação com sujeito e sociedade.

³ ABL Responde, em Nossa Língua, disponível no site da Academia Brasileira de Letras. Veja o endereço nas referências.

2 Por um arquivo do Novas palavras

Em outubro de 2020, em seu site, a Academia lançou o projeto virtual “Novas palavras”, em que, periodicamente⁴, tem sido compartilhada palavras ou expressões usuais na língua, conforme se lê no primeiro parágrafo em “Novas palavras”.

A Academia Brasileira de Letras apresenta palavras ou expressões que passaram a ter uso corrente na língua portuguesa, podendo ser neologismos, empréstimos linguísticos ou mesmo vocábulos que, apesar de já existirem há algum tempo na língua, têm sido usados com mais frequência ou com um novo sentido nos dias de hoje. (Site da Academia Brasileira de Letras na seção “Novas palavras”.)

A apresentação da proposta segue em dois parágrafos que sinalizam para a nomeação como algo corrente de uma prática social e intelectual e assinalam ainda a possibilidade de “mudança em prol de uma sociedade mais humana, ética e justa” por meio da palavra, como se pode ler a seguir.

A criação, o uso e a difusão de uma nova palavra ou expressão vêm da necessidade que temos de nomear algo que faz parte da nossa realidade ou que nossa inteligência e percepção foram capazes de identificar com mais intensidade.

Conhecer o significado de novas palavras enriquece nosso vocabulário e nos faz mergulhar na atmosfera intelectual em que vivemos. Mais do que isso, contribui para o pleno desenvolvimento de nossa capacidade de comunicação, amplia a compreensão que temos do mundo e nos torna aptos a identificar problemas, buscar soluções e sermos agentes de mudança em prol de uma sociedade mais humana, ética e justa. (Site da Academia Brasileira de Letras na seção “Novas palavras”.)

⁴ O primeiro verbete foi publicado em 09 de novembro de 2020. Até 31 julho de 2023, semanalmente era lançada uma nova palavra; a partir daí, houve um período sem novas publicações, retomadas a partir de 23 de outubro de 2023, quando passaram a ser publicadas intervaladas por um mês, em média.

Para além da recolha do que circula, o “Novas palavras” acena para um compromisso com a dimensão ética na sociedade. Isto posto, nos perguntamos pelas palavras que aí comparecem. Atualmente a plataforma, apresenta 152 verbetes⁵. Ei-las.

- | | | |
|---------------------|---------------------------|---------------------------|
| 1. afrofuturismo | 28. cicloturismo | 55. etarismo |
| 2. agrofloresta | 29. compliance | 56. faunoduto |
| 3. antimanicomial | 30. coworking | 57. favicon |
| 4. antirracista | 31. criopreservação | 58. feminicídio |
| 5. apneísta | 32. criovulcão | 59. fômite |
| 6. aporofobia | 33. criptoarte | 60. gentrificação |
| 7. astrobiologia | 34. criptoativo | 61. gerontecnologia |
| 8. astroturismo | 35. cripto moeda | 62. gerontocídio |
| 9. audismo | 36. cronofarmacologia | 63. gerontofobia |
| 10. azeitólogo | 37. cyberpunk | 64. gestuante |
| 11. bioarquitetura | 38. desalcooolização | 65. glossofobia |
| 12. bioassinatura | 39. desmedicalização | 66. glotofobia |
| 13. bioeticista | 40. distanciamento físico | 67. gordofobia |
| 14. biomimética | 41. docuficção | 68. grafeno |
| 15. biossegurança | 42. docussérie | 69. handbike |
| 16. bioterrorismo | 43. dorama | 70. home office |
| 17. bibliosmia | 44. ecoansiedade | 71. idadismo |
| 18. blockchain | 45. ecoduto | 72. infodemia |
| 19. braillista | 46. economia azul | 73. insegurança alimentar |
| 20. cachê-teste | 47. economia prateada | 74. internet das coisas |
| 21. caminhabilidade | 48. ecoponto | 75. justiciabilidade |
| 22. capacitismo | 49. edamame | 76. kombucha |
| 23. centro-oestino | 50. educomunicação | 77. letramento racial |
| 24. cibercime | 51. empoderamento | 78. letrólogo |
| 25. cibersociedade | 52. energia limpa | 79. lockdown |
| 26. ciclável | 53. enogastronomia | 80. logar |
| 27. cicloativismo | 54. enoturismo | 81. mãe solo |

⁵ Uma vez que as publicações no “Novas Palavras” ainda estão em curso, consideramos para a montagem deste arquivo as palavras publicadas até 06 de março de 2024.

82. metaverso	106. oligossintomático	130. streaming
83. microchipagem	107. ouvintismo	131. subcelebridade
84. micromachismo	108. ovodoação	132. sudestino
85. micromamífero	109. paleoarte	133. superalimento
86. micropástico	110. pandemiceno	134. telemedicina
87. microsurto	111. pedagogado	135. teleofobia
88. misocinesia	112. petricor	136. telessérie
89. misofonia	113. piadina	137. tenesso
90. mixologista	114. pluviófilo	138. tomossíntese
91. monocumentário	115. podcast	139. toquiota
92. moscóvio	116. poke	140. trabalhador essencial
93. motolância	117. pós-verdade	141. tripofobia
94. nanoplástico	118. psicobiótico	142. turismo espacial
95. nato-digital	119. qualiquantitativo	143. uberização
96. necropolítica	120. radiocidadão	144. ultraprocessado
97. negacionismo	121. refugiado climático	145. umami
98. neurodiversidade	122. renderização	146. vacinódromo
99. neuromórfico	123. reassignificar	147. vegano
100. neuroplasticidade	124. retrofuturismo	148. vestível
101. nipônio	125. saudabilidade	149. videoprova
102. nômade-digital	126. sindemia	150. visuoespacial
103. nomofobia	127. sonificação	151. webinarío
104. normose	128. sororidade	152. zerésima
105. oganessônio	129. startup	

A apreensão e composição desta listagem faz parte de um projeto inserido em projeto outro⁶ que tem o arquivo como um vetor necessário para a pesquisa. No caso deste trabalho, está em jogo a organização de uma listagem das palavras apreendidas e trabalhadas no “Novas palavras” como possibilidade de leitura e análise tanto que pelo que tal agrupamento permite observar no que tange ao léxico em exposição, quanto pelo foco em um ou

⁶ No site do GAL (<https://gal.hypotheses.org/>) inserimos um arquivo que vem sendo construído em decorrência dos objetivos do projeto de iniciação científica E-26/204.557/2022 (FAPERJ) a partir do Novas Palavras.

outro verbete que lá se encontra, entre outros propósitos.

Uma leitura sobre os verbetes já permitiu observar vários eixos temáticos, como, por exemplo, os que dizem respeito à violência, à saúde, à tecnologia, às relações de trabalho, à economia, à alteridade. Este último, que diz respeito à alteridade, foi objeto de leitura de Leatrice Barros (2022)⁷ que recortou os seguintes itens lexicais: aporofobia, capacitista, etarismo, feminicídio, gerontocídio, gerontofobia, gordofobia, idadeísmo, micromachismo. Outra leitura sobre os verbetes foi feita por Esteves, Perini e Medeiros (2021) que se detiveram no verbete trabalhador essencial, que faz parte do eixo trabalho e relações de trabalho. Na próxima seção deste nosso artigo, vamos nos voltar sobre o funcionamento do “Novas palavras”. Embora estejamos considerando o conjunto de verbetes, vamos lançar mão de três verbetes recortados da letra A do vocabulário, a saber, aporofobia, afrofuturismo e agrofloresta⁸.

3 De olho no funcionamento do “Novas palavras”

Conforme Esteves, Perini e Medeiros (2021):

Em seu funcionamento, o Novas Palavras se apresenta preenchendo lacunas dos dicionários atuais, e o faz em movimento contínuo de captura de discursividades contemporâneas, e, assim, indica tanto a movência quanto a vitalidade da língua. Mas não apenas: tal gesto implica seleção e recorte daquilo que apreende como item lexical na escrita da língua, afinal, não se pode deixar de observar que as tais novas palavras são recortadas de uma certa língua escrita em circulação na web. (Esteves, Perini, Medeiros, 2021, p. 230).

⁷ Barros (2022), trabalho ““NOVAS PALAVRAS”: língua e resistência no dicionário virtual da Academia Brasileira de Letras”, fruto do projeto “Língua e discursividades no glossário virtual da Academia Brasileira de Letras” (FAPERJ, E-26/204.557/2022), que foi apresentado no I Encontro Arquivo de Língua Jovens Pesquisadoras/es: Teorias em Contato.

⁸ Os links dos verbetes estão nas referências.

A língua é viva, movente e o surgimento de novas palavras e deslizamentos de sentidos entre as palavras é efeito recorrente, bem como seu gesto de captura por instrumentos linguísticos como o VOLP e dicionários. O “Novas palavras” se singulariza não pelo gesto de captura em si, comum em instrumentos linguísticos, mas por ao menos duas de suas características, quais sejam, apresentar categorias que antes não se faziam presentes no VOLP e trazer para sua plataforma exemplos recortados de textos em circulação com suas respectivas referências. Com tal funcionamento, o léxico apreendido no “Novas palavras” permite o acesso a discussões polêmicas que o circundam; põe, com efeito, em cena tensões da nossa formação social.

O VOLP se historiciza coletando palavras e indicando sua classe gramatical e gênero. Não fornece definições ou exemplos, não indica fontes. A palavra nele entra sem tais marcações, isto é, o VOLP se configura como uma listagem de palavras e assim permanece. Não é, contudo, o que ocorre com o projeto “Novas palavras”, que coleta palavras para serem incluídas no VOLP. No “Novas Palavras”, para cada verbete, encontramos classe gramatical e indicação de gênero, palavras relacionadas, definição, exemplos de uso, referências e, por vezes, informações complementares. O que temos, pois, com “Novas palavras” é um funcionamento dicionarístico e não somente uma listagem de palavras (cf. Marcel, Perini, Medeiros, 2021). Um funcionamento que se perde com a entrada de tal vocábulo no VOLP, afinal, aí, voltamos a ter somente listagem com classe e gênero gramatical.

Trata-se de uma perda que incide diretamente sobre os sentidos do vocábulo. Se um dos efeitos do processo dicionarístico consiste na delimitação de sentidos na medida em que se tem a definição como um de seus procedimentos fundamentais, com o VOLP, dado que

tal procedimento não comparece, instaura-se o efeito de um sentido já compartilhado, já fixado. Um já-lá na língua no duplo gesto do já-sabido e do que se deveria saber. (cf. Marcel, Perini, Medeiros, 2021, p. 232).

Por outro lado, o “Novas palavras” faz funcionar um horizonte de retrospecto⁹ uma vez que é nele que adentram as novas palavras a constar do VOLP, com suas definições, exemplos, informações e referências; é no “Novas palavras”, como instrumento linguístico institucionalizado pela ABL, que, com suas partes desenvolvidas, inscreve-se uma memória do léxico e, ao mesmo tempo, um horizonte de projeção¹⁰.

Fiquemos, para início de leitura, com as três primeiras categorias dos verbetes recortados: *Classe gramatical*, *Palavras relacionadas* e *Definição*.

Imagem 2: aporofobia, afrofuturismo e agrofloresta no Novas Palavras (2024)

aporofobia



Classe gramatical:

s.f.

Palavras relacionadas:

aporofóbico adj. (atitude **aporofóbica**, discurso **aporofóbico**), **aporófono** adj. s.m. (movimentos **aporófonos**)

Definição:

Repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria. [Do grego *á-poros*, 'pobre, desamparado, sem recursos' + *-fobia*.]

9 “O horizonte de retrospecto consiste no conjunto de conhecimentos antecedentes (Auroux, 2008, p. 141), ao passo que o horizonte de projeção remete para as antecipações, para os projetos futuros, para os desdobramentos que inevitavelmente os constituem.” (Mariani; Medeiros, 2023, p. 163)

10 Ver nota anterior.

afrofuturismo



Classe gramatical:

s.m.

Palavras relacionadas:

afrofuturista *adj.* 2g. *s.* 2g. (movimento **afrofuturista**, conto **afrofuturista**)

Definição:

Movimento cultural, estético e político que se manifesta no campo da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da arte, da música, a partir da perspectiva negra, e utiliza elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história; em geral, obras pertencentes a este movimento procuram retratar um futuro grandioso, caracterizado tanto pela tecnologia avançada quanto pela superação das condições determinadas pela opressão racial, dentro do contexto da vivência africana e diaspórica. [Esta definição não exclui outras formas de descrever ou abordar o movimento, que possui conceituações variadas de diversos estudiosos e pesquisadores do tema.]

agrofloresta



Classe gramatical:

s.f.

Palavras relacionadas:

agroflorestal *adj.* 2g. (sistema **agroflorestal**)

Definição:

Sistema de uso sustentável da terra, baseado nos ecossistemas naturais, que combina preservação e cultivo de espécies florestais com atividade agrícola e/ou pecuária, mediante práticas de manejo controlado, o que aumenta a fertilidade do solo, a diversidade de produção de alimentos sem agrotóxicos, minimiza os impactos ambientais, entre outros benefícios.

Fonte: Página de cada verbete, encontradas na seção “Novas Palavras”, disponível no site da ABL (2024).

Acerca das classes gramaticais, os verbetes comportam substantivos. São palavras lexicais que estão presentes e não gramaticais. É sobre a nomeação – pela substantivação – que se volta a apreensão das novas palavras; nomeação que incide sobre sociedade, sobre formas de vida, sobre sujeitos. Em seguida à *Classe Gramatical*, temos *Palavras relacionadas*. O

que é interessante destacar é que em geral o movimento de remissão a outras palavras se faz por derivação que adjetiva o item lexical em foco, continuando de forma adjetival o processo de nomeação. Não se tece o jogo de equivalência entre uma palavra e outra de base mórfica distinta. Isto nos leva a observar que o processo de relação com outras palavras não se faz por sinonímia entre verbetes, mas pela possibilidade de expansão lexical advinda do processo de derivação: é a raiz, como significante, que está na ribalta. É sua força que se ilumina no deslocamento para outros itens lexicais.

Em seguida, temos *Definição*. Elas podem ser mais curtas, como em “aporofobia”, ou mais longas como em “afrofuturismo” ou “agrofloresta” (cf. imagem 2). Elas presentificam, com o tempo presente¹¹ em que se inscrevem, questões e noções importantes em circulação.

Na definição de “aporofobia” temos a remissão a quatro atitudes em relação ao outro: repúdio, aversão, desprezo, hostilidade. Um movimento de expansão que diríamos tentar abarcar sentimentos e reações à alteridade que se rejeita, qual seja: aquele é “pobre ou desfavorecido” ou se encontra “em situação de pobreza ou miséria”. Ainda na definição deste verbete, comparece entre colchetes, a formação etimológica da palavra¹² que inscreve mais uma fobia (cf. imagem 2), aquela que denuncia a luta de classes.

Ora, o gesto de definir tem a ver com a circunscrição dos objetos de conhecimento, prática essa que encontra sua materialidade específica no campo da linguagem. E nesse campo não escapa à injunção da ordem da

¹¹ Acerca do tempo presente nas definições, cf. Esteves e Medeiros, 2017

¹² No mapeamento dos verbetes, notamos que essa não é uma marca recorrente. A produtividade maior se deu através de marcas para autoria do neologismo. Neste último caso, os indicadores podem estar presentes de forma bem destacada nas informações completares, ou ainda, como um dado retirado a partir de um dos exemplos.

ideologia, funcionando como “uma remissão perpétua entre os significantes do conhecimento e os da política.” Isso porque “a história da produção dos conhecimentos não está acima ou separada da história da luta de classes (...)”, valendo-nos aqui de afirmação de Pêcheux (1988 [1975], p.190). (Petri, Venturini, Rasia, 2024, p. 69).

Na definição de “afrofuturismo”, um movimento “cultural, estético e político” está em foco o “protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história”. Se em “aporofobia” se salienta a classe social que rejeita o outro em situação desfavorecida como ponto de tensão na sociedade, aqui se põe em relevo outra tensão — a racial — enunciando a potência da perspectiva negra em diversos importantes campos de atuação na sociedade. A título de comentário, em tal definição compõem ainda colchetes acenando para a expansão do movimento em sua conceituação e em sua movência em estudos bem como, com tal incisa, para a impossibilidade de um fechamento: “[Esta definição não exclui outras formas de descrever ou abordar o movimento, que possui conceituações variadas de diversos estudiosos e pesquisadores]”.

Na definição de “agrofloresta” lemos sintagmas como “preservação e cultivo de espécies florestais”, “manejo controlado”, “produção de alimentos sem agrotóxicos”, entre outros. Nesse verbete é a possibilidade de uso sustentável da terra que se dá destaque. Agrofloresta é um vocábulo recente que se inscreve em posição discursiva distinta de outro também em uso: agronegócio. Dizer é não dizer, como sabemos, isto para lembrar que a inscrição de um verbete tem injunções históricas, sociais e ideológicas. Em “Novas palavras” inscreve-se agrofloresta reivindicando a sustentabilidade da vida.

“Um dicionário sem exemplos é um esqueleto”, recuperam Medeiros, D’Olivo, Magalhães, (2024, p. 107) de Voltaire para refletirem sobre exemplo. As autoras se perguntam sobre o que seria o esqueleto e compreendem os exemplos como carne que sustenta tal instrumento, que dá consistência ao que se apreende; carne que pode, diríamos, conferir vida ao esqueleto. Não se pode esquecer ainda que, como já pontua Nunes (2008, p. 117), os exemplos são a “marca visível da ideologia”. Se a inscrição de um verbete ainda não constante de instrumento linguístico da ABL é um gesto de apreensão social e ideológica de posições em disputa na sociedade, como já pudemos notar com os três verbetes assinalados, a exemplificação funciona como força que atesta o dizer. E, neste caso, os exemplos não podem ser dissociados de suas referências.

O movimento da exemplificação no “Novas Palavras” não se dá a partir de citações recortadas da literatura¹³, o que significa que os exemplos não são advindos da literatura como indicado na plataforma da ABL¹⁴. Tampouco trata-se de exemplos forjados¹⁵, isto é, criados para o instrumento linguístico em questão. O que temos são exemplos decorrentes de recortes de discursividades contemporâneas de fontes várias indicadas — em sua autoria e forma de acesso — de diferentes espaços: acadêmicos, científicos, jornalísticos, jurídicos, políticos e sociais. Para além de atestarem o dito, as referências, em decorrência de seus espaços de proveniência, legitimam o dizer. São, em geral, ao menos cinco fragmentos de exemplos. Em função de sua extensão, colocaremos aqui apenas o primeiro de cada verbete e remetemos para o verbete.

13 Acerca dos exemplos advindos da literatura, cf. “Exemplos como espaço modelar”, Palha e Medeiros, 2024.

14 A guisa de recuperação do que foi posto no início deste artigo: “a ABL tem por fim a cultura da língua nacional. Isso significa que a língua deve ser cultivada na sua variedade padrão ou exemplar, tomando como modelo sua expressão literária.”

15 Acerca das categorias dos exemplos, cf. “Exemplo: categorizações e procedimentos”, Costa e Medeiros, 2024.

Imagem 3: Fragmentos de exemplos do verbete **aporofobia**

“O Ministério do Interior espanhol inclui a **aporofobia** como um dos crimes de ódio: em 2016, registrou 10 denúncias por essa causa; em 2017, foram 11.”¹

**Fonte: retirado da página Aporofobia da seção
Novas Palavras - ABL (2024).**

No caso de aporofobia, é interessante observar que, apesar de a definição (cf. imagem 2) se referir à repúdio e hostilidade, não há menção criminológica. Entretanto, ao nos debruçarmos sobre a rede de exemplos, o fato de constituir crime se apresenta no primeiro exemplo, como se pode ler acima (Imagem 3). Em outro exemplo lemos que “é uma doença social que existe em todo o mundo e a primeira providência a se tomar para combatê-la é reconhecê-la e trabalhar para desativar este fenômeno”. Crime e doença são dois dos significantes que ecoam dos exemplos. Além disso, estes, após o termo aporofobia negrito, incluem a definição em orações adjetivas explicativas – “(...) **aporofobia**, que se expressa contra aqueles em posição social de desvantagem”, “(...) **aporofobia**, que é a rejeição ou a hostilidade a alguém por sua condição de pobreza.” — ou em sintagma definitório em relação de sinonímia — “**aporofobia** ou rejeição aos pobres” (negritos em Aporofobia, Novas palavras). Em suma, os exemplos definem, explicam, inscrevem tais gestos como crime de ódio e trazem as referências. No caso de aporofobia há a presença de dois periódicos de universidades federais, dois textos jornalísticos (*El País* e *Rede Brasil*) e um texto retirado da Câmara dos Deputados.

A seleção promovida pelo recorte de discursividades nos permite uma amplitude das discussões sobre as temáticas decorrentes de cada verbete. No caso de aporofobia, observamos uma outra seção que não se faz presente nos dois outros verbetes em foco: informações complementares.

Imagem 4: Fragmento “informações complementares” do verbete aporofobia

Informações complementares:

O neologismo **aporofobia** foi criado pela filósofa espanhola Adela Cortina, professora de Ética e Filosofia Política da Universidade de Valência e membro da Real Academia de Ciencias Morales y Políticas. O termo – eleito a palavra do ano de 2017 pela Fundación del Español Urgente (Fundéu BBVA) – foi usado em vários dos seus artigos jornalísticos e em livros em que ela adverte sobre o fato de que se empregam palavras como “xenofobia” ou “racismo” para classificar o rechaço a imigrantes ou refugiados, quando na verdade essa aversão não advém da condição de estrangeiros e sim da situação de pobreza em que eles se encontram. O verbete **aporofobia** já consta da versão on-line do *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia Española.

Fonte: retirado da página **Aporofobia** da seção **Novas Palavras - ABL (2024)**.

A partir dessa seção, temos acesso a uma explicação resumida sobre a formação do léxico em pauta. O termo aporofobia teve sua origem a partir da filósofa espanhola Adela Cortina, e, na Espanha, foi a Real Academia Espanhola que cunhou o termo, em seu dicionário. No caso, nas informações somos expostos à necessidade de uma precisão de termo que se diferencie de outros, como xenofobia ou racismo. A premência diante de aporofobia se fez diante da situação de pobreza do outro. Uma observação: grande parte dos verbetes do “Novas Palavras” advém de dicionários estrangeiros de repercussão, como foi também o caso de trabalhador essencial que se encontrava no *Oxford English Dictionary* (Esteves, Perini, Medeiros, 2021). Trata-se de um movimento em que a inscrição já se faz em línguas outras, ou ainda, em que os verbetes já se encontram legitimados em instrumentos linguísticos estrangeiros de repercussão. Ainda sobre este verbete, importa destacar que circula em texto legislativo, como pode ser observado a seguir:¹⁶

¹⁶ Em relação à aporofobia, algumas das observações que constam deste artigo, como esta relativa ao texto legislativo, fizeram parte da apresentação de Barros (2022)

Imagem 5: Recorte de texto legislativo atualizado em 2021, que traz a referência à ABL

A CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

DECRETA:

Art. 1º Fica incluída no § 10 do art. 6º da Lei nº 5.146 de 7 de janeiro de 2010, a seguinte data:

Dia Municipal de Combate à Aporofobia, a ser realizado anualmente em 4 de outubro.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Plenário Teolônio Vilela, 14 de dezembro de 2021.

JUSTIFICATIVA

Do grego á-poros, “pobre, desamparado, sem recursos”, acrescido de fobia, aporofobia significa repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos. Segundo publicação da Academia Brasileira de Letras, o neologismo “aporofobia” foi criado pela filósofa espanhola Adela Cortina, membro da Real Academia de Ciencias Morales y Políticas. O termo foi eleito a palavra do ano de 2017 pela Fundación del Español Urgente. Foi usado em artigos jornalísticos e em livros para advertir sobre o fato de que se empregam palavras como “xenofobia” ou “racismo” para classificar o rechaço a imigrantes ou refugiados, quando na verdade essa aversão não advém da condição de estrangeiros, e sim da situação de pobreza em que se encontram.

Num Brasil mais pobre, que voltou a integrar o triste Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas, observa-se o recrudescimento de uma inacreditável hostilidade de alguns contra pessoas em situação de pobreza ou miséria. Este sentimento e as ações dele decorrentes merecem a vigilância da sociedade, razão pela qual considero importante assinalar uma data de conscientização e combate, que proponho ser o Dia de São Francisco de Assis, 4 de outubro.

Fonte: fragmento do texto da Câmara dos deputados (2024)

O verbete aporofobia foi o primeiro a ser lançado pelo projeto “Novas Palavras”, ainda em outubro de 2020. O que se observa é que o texto legislativo cita o Novas Palavras:

Do grego á-poros, “pobre, desamparado, sem recursos”, acrescido de fobia, aporofobia significa repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos. Segundo publicação da Academia Brasileira de Letras, o neologismo “aporofobia” foi criado pela filósofa espanhola Adela Cortina, membro da Real Academia de Ciencias Morales y Políticas. O termo foi eleito a palavra do ano de 2017 pela Fundación del Español Urgente. Foi usado em artigos jornalísticos e em livros para advertir sobre o fato de que se empregam palavras como “xenofobia” ou “racismo” para classificar o rechaço a imigrantes ou refugiados, quando na verdade essa aversão não advém da condição de estrangeiros, e sim da situação de pobreza em que se encontram. (fragmento do texto da Câmara dos deputados, cf. imagem 5).

E nele se apoia para propor o combate a aporofobia: “Num Brasil mais pobre, que voltou a integrar o triste Mapa da Fome da” Organização das Nações Unidas, observa-se o recrudescimento de uma inacreditável hostilidade de alguns contra pessoas em situação de pobreza ou miséria” (cf. imagem 5). Noutras palavras,

o que se observa é a chancela da instituição da Academia dando legitimidade ao termo que ainda não se encontra em dicionários canônicos como o Houaiss. É a institucionalização via Novas Palavras que também ratifica usos como o presente na ementa legislativa.

O primeiro exemplo de afrofuturismo acena para a criação do termo também de ordem aural. Trata-se de um termo cunhado nos anos 90 do século passado por um escritor e crítico cultural norte-americano: Mark Dery.

Imagem 6: Fragmento de exemplo do verbete afrofuturismo

"Em 1994 Mark Dery cunhou o termo **afrofuturismo** a partir de uma análise da cena cultural-literária dos Estados Unidos com base em entrevistas que o crítico fez com três artistas e intelectuais negros, Greg Tate, Tricia Rose e Samuel R. Delany, em que se questiona a ausência de autores afro-americanos na ficção científica. O termo busca descrever as criações artísticas que, por meio da ficção científica, inventam outros futuros para as populações negras. Embora a origem do **afrofuturismo** se situe no campo da produção literária, a mencionada entrevista, em que Dery aponta também para a produção literária de escritores como Samuel R. Delany e Octavia Butler, acabou entendendo o movimento também ao campo do cinema, da fotografia e das artes visuais, bem como ao campo musical."¹

Fonte: retirado da página Afrofuturismo da seção Novas Palavras - ABL (2024).

Os exemplos de afroturismo advém de autores e revistas especializadas e abalizadas sobre arte e cultura e acenam para a abrangência de tal conceito em seu movimento de captura de produções várias e campos diversos advindos de autoria de base afro, como se pode ler em outro exemplo: “O afrofuturismo surge como um movimento social e uma reação política de artistas negros. Ele, basicamente, traz a perspectiva negra (...)”. Com afrofuturismo expõe-se o vigor de uma produção intelectual abrangente que coloca em foco pensamentos e propostas advindos de pensadoras/es negras/os.

Por fim, os exemplos de agrofloresta advém de matérias jornalísticas assinadas, como o primeiro exposto a seguir, de material produzido em congresso específico de Gestão Ambiental, de Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade. Ou seja, tal como os anteriores, são materiais tanto de autoria

abalizada quanto de órgãos específicos e considerados ao que está posto em cena.

Imagem 7: Fragmento de exemplo do verbete agrofloresta

“Na **agrofloresta**, os insumos dão lugar aos processos de produção e manejo, e a monocultura abre espaço para a policultura e para a biodiversidade. Justamente o que faz com que sistemas regenerativos sejam mais rentáveis é o aumento da diversidade e o consórcio com plantas perenes, reduzindo drasticamente o manejo intensivo do solo e o uso de insumos químicos.”¹

Fonte: retirado da página Agrofloresta da seção Novas Palavras - ABL (2024).

Se em aporofobia os exemplos definem e colocam tal atitude na ordem do crime, se com afrofuturismo os exemplos exibem o alargamento de um movimento estético, cultural e político, com agrofloresta os exemplos exibem as consequências de uma mudança no tratamento da terra. As construções como “dão lugar a”, “abre espaço”, “faz com que (...) sejam regenerativos”, “Os benefícios” “melhora na qualidade”, entre outros, acenam para uma positividade na forma de tratamento do solo. E vão além, trabalham um não-dito inscrito a partir do confronto com outras formas de relação com a terra, qual seja, o de que tal sistema não seria produtivo ou rentável. Melhor expondo, a questão da produtividade e da rentabilidade atravessam os exemplos – “a monocultura abre espaço para a policultura e para biodiversidade. Justamente o que faz com que sistema regenerativos sejam mais rentáveis (...)” ou “Os sistemas agroflorestais ajudam a diminuir o desmatamento, otimizam o uso da terra e ajudam a diversificar a produção agrícola(...)” – e servem para assegurar à proposta de sustentabilidade da terra. Em poucas palavras, agrofloresta faz paráfrase com rentabilidade enunciando a sua possibilidade sem, no entanto, abrir mão, entre outros pontos fundamentais, da “conservação da biodiversidade”.

Por um ponto e vírgula

O projeto “Novas Palavras” se mostra, por certo, como um observatório da sociedade contemporânea brasileira e merece estudos acerca, por exemplo, de sua interdiscursividade¹⁷, do que desloca com suas redes parafrásticas, para o que acena a partir de suas posições e formações discursivas. Em trabalho apresentado recentemente, Medeiros (2024¹⁸) diferencia saberes subjugados de saberes que subjugam. O primeiro diz “respeito à desqualificação epistêmica do outro. É a desqualificação da potência de conhecimento do outro que está em jogo. Já, em contrapartida, com saberes que subjugam estão em jogo saberes em circulação em nossa sociedade que funcionam de forma a subjugar o outro.” (idem). Se tomarmos os três verbetes em foco, podemos dizer que aporofobia opera na clave da denúncia do que subjuga o outro, ao passo que afrofuturismo abre para outras formas de expressão e de conhecimento da potência de saberes antes subjugados por um racismo estruturante da sociedade. Quanto à agrofloresta, uma tensão parece se colocar para estudos posteriores. Por um lado, com agrofloresta se inscreve uma possibilidade de tratamento do solo que opere com a diversidade e com o não desgaste do solo. Por outro lado, há algo a se refletir, mas primeiramente, voltemos aos exemplos e vejamos o quarto de agrofloresta:

17 Interdiscurso é compreendido como memória do dizer, como o que sustenta os efeitos de sentido que se inscrevem na formulação dos dizeres.

18 Medeiros, Vanise. Texto “Arquivo das margens: saberes subalternos e saberes subalternizados” apresentado no IV Arquivos de Língua (UFF, 2024)

Imagem 8: Fragmento de exemplo do verbete agrofloresta

“Seu Joaquim Carlos Barbosa é produtor rural na comunidade do Xadá, que fica dentro da Área de Proteção Ambiental Triunfo do Xingu. Nesta quarta-feira (21), ele e outros produtores rurais da região receberam a visita da equipe do Territórios Sustentáveis (TS) e participaram de uma oficina prática do Projeto de Sistemas Agroflorestais (Prosaf), ministrada pela gerente do Ideflor-Bio, Keylah Borges. ‘Nós estamos trabalhando a recomposição florestal de uma área que estava degradada e eles estão aprendendo a plantar da maneira correta o cacau, a banana, o açaí, a mandioca e o feijão. Para montar uma **agrofloresta** comercial que renda e que contribua com o meio ambiente’, explica Keylah.”⁴

Fonte: retirado da página Aporofobia, da seção Novas Palavras - ABL (2024).

Estamos aí diante de um fragmento que coloca em cena um produtor rural da Área de Proteção Ambiental Triunfo do Xingu e da fala de uma de uma gerente da Ideflorbio: “Nós estamos trabalhando a recomposição florestal de uma área que estava degradada e eles estão aprendendo a plantar de maneira correta o cacau, a banana, o açaí, a mandioca e o feijão. Para montar uma **agrofloresta** comercial que renda e que contribua com o meio ambiente”. (negrito do verbete). “Nós estamos trabalhando...”, “Eles estão aprendendo”, “montar uma agrofloresta comercial” são três fragmentos que enunciam um lugar de saber e outro de não saber, de aprender. Paramos um pouco aqui para ouvir a voz do quilombola Antonio Bispo dos Santos:

Ecologia é uma palavra utilizada pelos acadêmicos. No quilombo, não existe ecologia, existe a roça de quilombo, a roça de aldeia, a roça de ribeirão, a roça de marisqueiro, a roça de pescador, a roça de quebradeira de coco. Por que a academia usa a palavra *ecologia*, e não *agricultura quilombola*? Por que não usa *roça indígena*? As universidades são fábricas de transformar os saberes em mercadoria e a agricultura quilombola não é mercadoria. Mas os saberes considerados válidos são aqueles que a universidade converte em mercadoria. (Bispo dos Santos, 2023, p. 100, itálico do autor).

A “agricultura quilombola não é mercadoria.” Eis a chave que diferencia saberes: poder tornar-se mercadoria: “Mas os saberes considerados válidos são aqueles que a universidade converte em mercadoria”. Daí a posição do produtor rural na

comunidade de Xauá: de silêncio e aprendizado. Daí a posição do gerente da Ideofloresta: de quem detém o saber. Estamos diante, mais uma vez de saberes subjugados pela força de uma formação discursiva da rentabilidade? E o que ocorre em outros verbetes deste vocabulário? Fica a proposta de prosa e de continuidade da reflexão que iniciamos aqui.

Referências

AFROFUTURISMO. *In*: NOVAS PALAVRAS. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>; Acesso em 20 de abril de 2024.

AGROFLORESTA. *In*: NOVAS PALAVRAS. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/agrofloresta>; Acesso em 20 de abril de 2024.

APOROFOBIA. *In*: NOVAS PALAVRAS. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/aporofobia>; Acesso em 20 de abril de 2024.

BARROS, Leatrice. “Novas Palavras”: língua e resistência no dicionário virtual da Academia Brasileira de Letras”. *In*: I Encontro Arquivos de língua jovens pesquisadoras/es: teorias em contato. 2022, Juiz de Fora.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. *A terra dá, a terra quer*. SP: UBU editora, 2023.

COSTA, Thais de Araújo; MEDEIROS, Vanise. “Exemplo: categorizações e procedimentos”. *In*: MEDEIROS, et.all *Na movência dos conceitos* — Rio de Janeiro: Autografia, 2024.

ESTEVES, Phellipe Marcel; MEDEIROS, Vanise. O presente dura muito tempo. *In*. SOUZA, Lucília Abrahão e; GARCIA, Dantielli (orgs.) *Ler Althusser Hoje*, São Paulo: ed. da UFSCAR, 2017.

ESTEVES, Phellipe; PERINI, Rudá; MEDEIROS, Vanise. Notas sobre o verbete trabalhador essencial: língua, pandemia, luta de classes. *PETRI, V. et al. Ditos e não-ditos: discursos na, da e sobre a pandemia. Campinas: Pontes Editores, 2021.*

GADET, Françoise; Pêcheux, Michel. *Língua inatingível*, Campinas: Pontes, 2004.

LEAL, Maria do Socorro Pereira. Às voltas com a palavra. In: SOARES, Alexandre S. Ferrari; MARIANI, Bethania; DELA SILVA; Silmara; MEDEIROS, Vanise. *Discurso, resistência e...*, Cascavel: EDUNIOESTE, 2015.

MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise. “História das Ideias Linguísticas do e no Brasil”. In: Windle, Joel Austin; Savedra, Mônica Maria Guimarães (orgs.) *História, Política e Contato Linguístico*, Niterói: EDUFF. 2023. *Coleção Estudos de Linguagem*.

MEDEIROS, Vanise. A retórica da mediação: dois momentos. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 19, p. 355-371, 2019.

MEDEIROS, Vanise; D’OLIVO, Fernanda; MAGALHÃES, Carolina. “Exemplos em instrumentos linguísticos de ensino de línguas para refugiados e imigrantes”. In: MEDEIROS, et.all *Na movência dos conceitos – Rio de Janeiro: Autografia, 2024.*

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes; São Paulo: FAPESP; São José do Rio Preto: FAPERP, 2006.

NUNES, José Horta. “Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas”, *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto – formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

PALHA, Milena; “Exemplos como espaço modelar”. In: MEDEIROS, et.all *Na movência dos conceitos*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024

PETRI, Verli; VENTURINI, Maria Cleci; RASIA, Gesualda. “Definição”. In: MEDEIROS, et.all *Na movência dos conceitos*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024.

PFEIFFER, Claudia Regina Castellanos; COSTA, Thaís de Araujo da; MEDEIROS, Vanise Gomes de. Said Ali na história das ideias linguísticas no/do Brasil. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 25, n. 49, p. 143–151, 2022. DOI: 10.20396/lil.v25i49.8670264. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8670264>. RIO DE JANEIRO (Município). Projeto de Lei que inclui o Dia Municipal de Combate à Aporofobia no Calendário Oficial da Cidade consolidado pela Lei nº 5.146, de 2010. Autoria: Vereador Paulo Pinheiro, Vereadora Thais Ferreira, Vereador Reimont, Vereador Dr. Carlos Eduardo, Vereador Chico Alencar, Vereadora Teresa Bergher, Vereadora Rosa Fernandes. Plenário Teotônio Villela, 14 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro2124.nsf/ae1f60408ad85f440325863200569356/6b22f9818e29c9fe032587ab0056cdcc?OpenDocument>. Acesso em: 20 de abril de 2024.

ZOPPI-FONTANA, Monica; GONÇALVES, Jael. O direito como instrumento de políticas linguísticas no espaço de enunciação brasileiro: questões para a Análise materialista de Discurso. *Linguagem & ensino*, vol. 24, no. 3, 2021.